Heitor de Moraes

Adeus Moscou

Segunda parte de Os Contos de Givenchy Declair

Romance

Todos os direitos reservados para Matéria Livre Editora
e Heitor de Moraes
Rua José Kormann, 501B – Curitiba,
E-mail: materialivreeditora@gmail.com

Título: Adeus Moscou
Autor: Heitor de Moraes
Editor: Matéria Livre Editora
Capa: Nery Morell
Diagramação: Nery Morell
Revisão: Lucia Ribas

ESBN: 978-65-5392-148-1

Moraes, Heitor de
Adeus Moscou/Heitor de Moraes
Curitiba, PR

1.Romance (1ª edição)

© 2022 Heitor de Moraes e Matéria Livre Editora

Para meu estimado amigo,

Nery.

Prólogo

Moscou, capital da Rússia, a sexta cidade mais populosa do mundo e a segunda maior com milionários. Foi para Moscou que Jean Claude Legrand e sua esposa Joanna se mudaram, vindos de Paris, quando ele revelou ser Givenchy Declair, o escritor que se tornou muito popular na França devido aos seus livros de contos, principalmente os dois últimos em que narrou as fraudes do governo francês.

Para melhor entendimento do leitor nesse novo episódio é interessante que ele leia primeiro o livro: OS CONTOS DE GIVENCHY DECLAIR. Saber a razão da decisão do casal de viver na Rússia, os acontecimentos em sua vida e os romances deles. Deixar Paris, a cidade luz que tanto amavam, trocar sua identidade e começar nova vida, o leitor vai descobrir lendo OS CONTOS... que, na realidade, são cinquenta que Givenchy escreveu e estão no livro divididos em quatro títulos.

Aqui ele escreve um romance político/policial com outra identidade.

A Concessionária Audi Center City

Alexander Tchekhov tem no seu passaporte o local de nascimento como sendo São Petersburgo, Rússia. Está com cinquenta e um anos e é casado com uma francesa chamada Joanna. Sua fortuna aparece como resultado de um empresário bem sucedido no setor de automóveis e quando surgiu em Moscou conseguiu facilmente graças a uma pessoa com grande influência na montadora alemã Audi e seu amigo, abrir uma importadora e concessionária da marca com boa penetração na Rússia.

A Concessionária Audi Center City fica na st. Marechal Proshiyakova, d.13 123458 próxima à av. Prospekt Marshala Zhukova, cerca de uns dez minutos da residência do casal. Alexander tem uma sala muito bem decorada de onde dirige seus negócios. Joanna, que fez questão de fazer parte da empresa, também participa das atividades no setor de relações públicas e gerencia o departamento de marketing direto. Ambos chegam juntos diariamente na concessionária e são muito respeitados pelos funcionários. Fazem o trajeto, na maioria das vezes, de metrô pois se precisarem de condução durante o dia usam o carro da empresa. Moscou tem uma das maiores redes de metrô do mundo com suas 185 estações, muitas delas com obras de arte e reconhecidas como marcos da cidade. Joanna ficou admirada quando passou pelas estações de metrô pela primeira vez. Para sua sorte, a que o casal utiliza tem uma obra de Paul Cézanne e em outra uma pintura de Claude Monet – ambos franceses.

Quando Jean Claude e Joanna chegaram a Moscou vindos de Paris, foram logo aprender o idioma russo e ficaram alguns meses um tanto isolados. Combinaram de conversar em francês apenas quando não havia alguém por perto e, apesar de certa dificuldade, aprenderam em pouco tempo a ler e falar como os russos, mesmo quando encontravam quem falasse francês ou inglês. Depois de acharem que estavam prontos, principalmente Jean Claude que teria naturalidade russa, como sendo Alexander Tchekhov, eles apareceram e a concessionária Audi se instalou no distrito Strogino.

Numa tarde tranquila de Novembro que começava a receber a chegada da neve, uma das funcionárias comandadas por Joanna entrou na sua sala dizendo ter recebido uma informação que lhe deixou curiosa. Contou que ao fazer uma ligação para um dos clientes que havia deixado seu carro para revisão para saber se ele estava satisfeito, a pessoa que atendeu falou em alemão e disse que naquele telefone não havia ninguém com quem ela estava querendo falar. Em seguida, ela foi consultar o cadastro do proprietário que se referia à venda daquele veículo e que esteve no dia anterior na concessionária, e viu que nele ainda constava o mesmo nome como se não houvesse sido vendido. O número do telefone anotado era aquele para o qual ela tinha ligado.

Na Rússia, a venda de veículos é controlada rigidamente. Joanna pediu-lhe que verificasse tudo outra vez e que fizesse contato com o departamento de trânsito para saber se lá ainda constava o mesmo proprietário do Audi vendido por eles.

Meia hora depois, Dacha, a dedicada funcionária, voltou à sala de Joanna e o que contou a deixou preocupada. Dacha descobrira que o proprietário do Audi que havia estado na revisão, havia falecido no acidente que sofreu com o carro no dia em que ele foi apanhá-lo na concessionária. No

departamento de trânsito já estava o relatório do ocorrido e além do motorista sua esposa havia perdido a vida também. Nesse relatório constava que quem dirigia no momento era o proprietário do veículo. Joanna agradeceu a informação e saiu da sala depois da funcionária.

Alexander, era tratado por Alex e Joanna logo que foi entrando na sala dele e disse seu nome.

- Alex, acho que estamos com um problema.

- Ei, *dorogoy* (querida em russo). Que bom te ver.

- Alex, aconteceu um acidente com um dos nossos clientes e acho que vamos nos incomodar.

- Por quê? O que houve? – Alex notou que Joanna estava preocupada e levantou de onde estava e foi em direção a ela. Segurou-a pelos ombros e deu um beijo em sua testa.

Joanna contou-lhe o que soube, pois a funcionária que ligou para o departamento de trânsito quis saber também como teria acontecido o acidente.

- ... assim - prosseguiu Joanna – se foi um defeito do Audi acho que teremos uma visita de peritos por aqui.

- Com certeza.

Os dois sabiam que tudo que acontece na Rússia é registrado detalhadamente, ainda mais um acidente com um funcionário do alto escalão de uma estatal russa. Mikhailo Graviânbski trabalhava na Gazprom e era o proprietário do Audi. Alex foi até o interfone e ligou para seu gerente de oficina.

Pediu-lhe que trouxesse até sua sala o consultor técnico que atendera Mikhailo Graviânbski dias atrás.

Quinze minutos depois estavam na sala o gerente e o consultor técnico. Alex e Joanna tomavam um suco e foram dar atenção a eles. Alex foi quem falou.

- *Dney nazad* (Dias atrás) você atendeu um Audi A6. – disse dirigindo-se ao consultor técnico de nome Nazar.

- Sim. – respondeu o rapaz.

Na Rússia existe a Universidade Técnica Estatal Bauman, que oferece cursos técnicos aos jovens. Nazar havia se formado nela. Era competente e Alex e Joanna o conheciam como bom funcionário.

- Esse Audi era de propriedade de Mikhailo Graviânbski e pelo que eu sei ele ainda não tinha trocado de dono.

- Ele mesmo veio retirar o carro depois de pronto, senhor Alexander Tchekhov.

- Nazar, você conferiu o que foi feito no carro? Ele estava com a mecânica em bom estado?

- Tenho certeza absoluta, senhor Alexander. Além do mais, estava com pouca quilometragem.

- Por que o senhor pergunta isso? – falou o gerente de oficina.

- Porque, segundo o registro do acidente que esse carro teve e que tivemos conhecimento, ele foi provocado por falha mecânica.

- Impossível... – interrompeu Nazar um pouco nervoso.

- Ok. Vamos esperar mais uns dias para ver se surge alguma notícia ou... sei lá o quê. – concluiu Alex estendendo a mão para os dois funcionários, dando a entender que eles estavam dispensados. Depois que saíram, voltou a falar com Joanna.

- *Moy dorogoy*, imagino que você está preocupada porque vamos receber a visita de peritos.

- Alex, você viu que Nazar ficou nervoso?

- Você notou isso?

- Sim.

- Será que ele está escondendo alguma coisa? Algo que não ficou bem feito ou que descobriram no carro e não fizeram o conserto?

- Não sei. Pode ser imaginação minha.

- Vamos aguardar e por falar nisso, não posso esperar mais.

- O que?

- Vou levar você para jantar naquele restaurante que você gosta tanto. Esqueceu que hoje faz três anos que nos mudamos para Moscou?

Joanna deu uma risada graciosa e com muita felicidade nela. Alex riu também e ela disse que tinha lembrado e por isso já reservara uma mesa no restaurante, que ele a estava

convidando para ir. Ambos riram bastante da coincidência, abraçaram-se por instantes e ele deu um beijo rápido nos seus lábios. Parecia, passou pela sua mente, os dias em que aproveitavam o clima romântico de Paris.

O *White Rabbit* é um restaurante de cozinha europeia e como está situado no último andar de um *shopping*, de suas mesas tem-se uma vista magnífica da cidade. Suas enormes paredes de vidro proporcionam essa visão e por ser noite, Alex e Joanna ficaram olhando Moscou sem dizer nada antes de serem atendidos. Está entre os melhores e mais caros de Moscou.

Mais tarde, quando chegou a sobremesa, Alex pediu que Joanna lhe desse a mão aberta, e sob ela colocou a sua. Aproximou a outra, fechada, e quando pousou na palma da mão de Joanna, abriu-a e uma pequena joia pousou na delicada mão de sua amada. Era um pingente para ser colocado numa pulseira que ela tinha já com vários, mas esse tinha um detalhe russo. Era uma miniatura em ouro de uma cúpula em forma de cebola da Catedral de São Basílio. Essa catedral é uma obra-prima da arquitetura russa. Joanna sentiu seus olhos ficarem úmidos, inclinou-se em direção ao marido e deu-lhe um beijo demorado. Não disse nada. Achou que não precisava.

Em seguida, Alex pediu-lhe que prometesse não ficar zangada ou aborrecida com o que ele iria contar a ela. Joanna afirmou com a cabeça e seus olhos brilharam a espera de mais uma surpresa.

- *Mon amour*, - dessa vez falou em francês - imagine um funcionário de uma estatal russa que sofre um acidente de um automóvel que está em perfeita ordem, porém no relatório do acidente a causa foi falha mecânica. Estranho isso, não?

Joanna faz uma expressão de curiosa e ao mesmo tempo de saber o que estava por vir.

- Eu... quero escrever um livro envolvendo esse acidente. - Alex esperou uma reação da esposa que não veio e prosseguiu – Não será um livro de contos. Givenchy Declair morreu. Será um romance policial. Vai envolver os mistérios da política russa, as espionagens, as manobras do Departamento de Inteligência, etc, etc.

- *Mon Alex*, não vou ficar zangada ou aborrecida. Acho até que você demorou para pensar em escrever outra vez. O que aconteceu em Paris com seus contos, evaporou-se da minha mente.

Foi Alex quem se inclinou dessa vez para dar um beijo em Joanna. Ele tinha medo de que o fato dele voltar a escrever mudasse o comportamento e a felicidade dela como aconteceu anos atrás. Joanna era outra mulher. Perdera aquele encanto de adolescente que sempre tivera. Ficara adulta, sem querer ser, mas o amava e ele sabia disso. Após o beijo ela voltou a falar.

- Você já tem um título?

- Já. - fez uma pausa.

- Qual é?

- Adeus Moscou.

- Adeus Moscou! Quer dizer alguma coisa com isso? Quero dizer, a nosso respeito?

- Não. Não. Quem sabe. Mas acho que não. Vou dar para você ler cada capítulo que ficar pronto. Quer?

- Quero... Claro. Estou curiosa.

Eles terminaram de saborear a sobremesa e instantes depois saíram. Haviam ido de táxi ao restaurante e antes de entrarem em outro, caminharam pelas ruas de Moscou. Era uma cidade linda e eles gostavam de morar ali.

No dia seguinte, a secretária de Alexander avisou ele pelo interfone que dois senhores queriam falar com ele e estavam na ante sala. Eram policiais. Alex pediu para ela segurar um pouco os visitantes e ligou para Joanna. Disse para ela ir até sua sala e que dois policiais queriam falar com ele. Instantes depois, ela passou pelos dois e entrou na sala de Alexander. Conversaram rapidamente e ele ligou para a secretária. Os homens podiam entrar.

Apresentando-se como funcionários da FSB, o Serviço Federal de Segurança da Federação Russa, criado em 1995 para tratar de assuntos domésticos, substituindo a KGB. Informaram que souberam que um membro da diretoria da Gazprom, Mikhailo Graviânbski, havia sofrido um acidente com seu automóvel da marca Audi e que esse veículo tinha recebido uma revisão técnica na oficina daquela concessionária. Não contaram como souberam desse detalhe. Eles queriam falar com o mecânico que trabalhou no carro. Alex acompanhou os homens pelas dependências da revenda e apresentou o gerente de oficina e o consultor técnico que atendeu Mikhailo Graviânbski. Depois, a pedido de um dos policiais, deixou-os com os rapazes.

Nem Alex, nem Joanna ficaram sabendo o que foi conversado. Os homens foram embora horas depois e como o expediente chegou ao fim naquele dia, eles não voltaram a conversar com seus funcionários. Fariam isso nos próximos dias.

O fim de semana chegou e Alex e Joanna mudaram o hábito que tinham. Eles gostavam de sair pela cidade atrás das maravilhas de Moscou. Alex acordou tarde, pois fora dormir por volta das oito horas da manhã. Havia acordado às três horas e passou as próximas horas no seu pequeno escritório daquele fantástico apartamento onde moravam na Stroginskiy Bulevar. Avisara Joanna que seu ritmo iria mudar a partir daquele sábado. Seguiria a esposa, quando fosse dormir. Descansaria até às três horas e trabalharia em seu livro até oito ou nove horas, quando voltava a dormir. Não iria mais pela manhã para a concessionária. Apenas Joanna seguiria com seus horários. A cozinheira e a faxineira seriam avisadas que a partir daquela semana não o incomodassem. Joanna voltaria para o almoço e depois os dois iriam para o trabalho. O escritor estava de volta na vida de Joanna.

Adeus Moscou
Proshchay Moskva

I

Nikolai Otiepielev e sua esposa Nástienka, tiraram algumas malas do táxi que os havia levado a uma oficina de carros e as colocaram no porta-malas do carro dele, que ele acabara de trazer do pátio. Saíram em disparada e logo entraram na avenida Prospekt Marshala Zhukova que é caminho para o Aeroporto Internacional de Jukovsky, um dos quatro aeroportos de Moscou. Alguns minutos depois, ao fazer uma curva antes de atingir a Moskva River Bridge, Nikolai pisou no freio para diminuir a velocidade e não conseguiu controlar o carro. Ele foi direto para a mureta da ponte, rompeu-a e caiu no Rio Moscou. Nikolai e Nástienka morreram afogados.

Três dias depois do acidente, dois homens entraram na oficina de carros e se identificaram como policiais da FSB - o Serviço Federal de Segurança da Federação Russa. Queriam falar com o funcionário da oficina que atendeu um veículo de propriedade de Nikolai Otiepielev. Uma mocinha que ficava na recepção, levou-os até um rapaz que vestia um uniforme que mais parecia um enfermeiro de pronto-socorro.

Depois de uma rápida conversa com ele os dois homens foram conduzidos para dentro da oficina e, o que chamou a atenção deles foi a organização e limpeza do lugar. Caminharam atrás do rapaz e quando chegaram próximo a um carro que estava num elevador, o rapaz parou e chamou o mecânico que estava trabalhando no carro. Outra vez mais uma surpresa. O mecânico com um macacão impecavelmente limpo e com o logotipo da empresa no bolso do lado esquerdo, logo acima do coração, foi saber o que ele queria.

- Boa tarde, – disse um dos policiais olhando para um crachá, que havia logo abaixo do logotipo da empresa – senhor... Kleschóv Tcherviakóv. Queremos fazer-lhe umas perguntas.

- Pois não. – O mecânico era uns quinze anos mais velho que o rapaz de uniforme parecendo enfermeiro – Como posso ser útil aos senhores?

- Sabemos que o senhor trabalhou na revisão de um carro Audi A6 há quatro dias atrás.

- Sim. Era um carro de pouca quilometragem e foi um serviço de rotina. Troca de óleo...

- Senhor Kleschóv Tcherviakóv – interrompeu o outro policial – queremos que o senhor nos acompanhe. Temos muito que conversar com o senhor.

- Mas...

- Mas não aqui.

(Uma observação: na Rússia as pessoas costumam tratar com quem estão falando pelo nome inteiro)

Kleschóv Tcherviakóv limpou as mãos numa flanela, virou-se para o rapaz que parecia estar espantado com aquela conversa e disse que se encarregasse do carro que estava no elevador. Kleschóv Tcherviakóv estava calmo.

Meia hora depois, Kleschóv entrava numa pequena sala que tinha apenas uma mesa no meio e duas cadeiras. Uma de cada lado da também pequena mesa. Uma forte luz no meio da sala estava acessa. Não havia janela. O mecânico ainda estava calmo.

- Senhor Kleschóv Tcherviakóv – dirigiu-lhe a palavra um dos policiais que o levara ali – eu sei que todo carro que fica pronto em sua oficina é entregue a quem atendeu o proprietário para uma volta de... digamos, inspeção. O senhor sabe. Para ver se tudo está de acordo. Se o serviço exigido foi feito. Corretamente.

- Sim.

Kleschóv já estava sentado numa das cadeiras e o policial estava em pé. Apenas tinha as mãos no encosto da outra. Ele usava um terno cinza escuro não muito bem feito, mas que caía bem no seu corpo. Os policiais da FSB não andam armados e uma reforma que aconteceu na polícia anos atrás, aumentou-lhes o salário. Eles eram muito respeitados pela população.

- Vou ser direto, Kleschóv Tcherviakóv – o policial mudou o tom da voz – o senhor deu o carro em questão para o atendente fazer a volta de inspeção?

- Não. Eu... - Kleschóv mantinha-se calmo.

- Por quê?

- Não havia necessidade. O veículo era novo. Era sua primeira revisão.

- Sabemos que é um protocolo da empresa os veículos fazerem esse... teste de inspeção. Senhor Kleschóv Tcherviakóv vamos combinar uma coisa. Não estou aqui para perder meu tempo. É bom que o senhor não me enrole.

- Senhor, não estou enrolando o senhor. O Ivan Knipper... o atendente, nem fez questão.

- Olha aí. Sua primeira? Primeira mentira. O rapaz que o senhor diz se chamar Ivan Knipper, não disse isso quando lhe perguntamos se ele fez o "passeio" com o carro. Ele nos disse que o senhor não quis que ele fizesse. Por quê?

- Não precisava...

- O senhor já nos disse isso.

- Não precisava.

Agora Kleschóv Tcherviakóv começava a ficar preocupado com a situação. Pensou em não demonstrar isso e tentou arrumar seus pensamentos. Por enquanto eles estavam sob controle, mas a demonstração de que os policiais já haviam falado com o inexperiente Ivan mexeu com o que tinha em mente. Como Kleschóv Tcherviakóv demorou a responder, o policial tirou as mãos do encosto da cadeira e se virou para a porta, saindo da sala.

Um dia antes, aqueles dois policias foram chamados para atender aquele caso sobre o acidente do veículo de Nikolai Otiepielev, um alto funcionário da Gazprom. O Audi A6 havia sido retirado do Rio Moscou e levado para um galpão da polícia

onde uma perícia minuciosa foi feita. No relatório que ficou pronto no final do dia constava que o carro havia ficado sem freio. Propositalmente porque um terminal da mangueira de óleo estava frouxo e quando o pedal do freio fosse acionado com força ele soltaria. Ora, finalizava quem fez o relatório, num veículo novo esse terminal nunca estaria mal apertado. Se fosse defeito da montagem o freio já teria falhado. Conclusão final: alguém deixou o terminal frouxo, e os discos de freio não receberam o óleo para serem acionados.

Depois de investigarem se o carro esteve em outra oficina, os policiais foram na que fazia serviço autorizado. Acharam que não precisavam falar muita coisa com quem atendeu o proprietário do veículo e depois foram conduzidos para o mecânico. Por outro lado, estavam sem entender porque Nikolai Otiepielev teria levado seu carro para a revisão se tinha intenção de viajar um dia depois que deixou o veículo. Havia duas malas no Audi A6 com roupas dele e de sua esposa. Em sua carteira estavam apenas alguns cartões de crédito e pouco dinheiro. Nem passagens havia, pensaram, pois ele dirigia em direção ao aeroporto com malas levando roupas do casal. Não tiveram tempo de comprar as passagens com antecedência, o que demonstrava resolveram fazer a viagem poucas horas antes. Por quê?

Uma hora depois que o primeiro policial saiu da sala de interrogatório, outro entrou. Desta vez era alguém que Kleschóv não tinha visto ainda. O homem puxou a cadeira e se sentou na frente do mecânico com a pequena mesa entre eles. Apesar dos primeiros sinais do inverno em Moscou, ainda fazia uma temperatura agradável e na sala estava quente. O interrogado estava suado e havia manchas disso no seu uniforme azul escuro.

- Preciso ir ao banheiro. – disse Kleschóv antes do policial falar.

- Você não vai sair daqui antes de responder minhas perguntas. – O tom de voz era bem diferente daquela que o conduziu até a sala.

- Estou... precisando urinar.

- Faça nas calças.

- Mas...

- Por que você não deixou o atendente fazer o passeio de revisão no Audi A6 que você pegou para trabalhar? E por que fez questão de fazer o serviço no carro em questão?

- Preciso...

- Fale logo e você vai ao banheiro, caso contrário, já disse. Faça nas calças.

Kleschóv não disse mais nada. Parecia estar procurando um caminho para que suas palavras saíssem sem que lhe prejudicassem. O policial ficou esperando e analisava o mecânico. Ele controlava as suas emoções e seu comportamento, mas não devia aguentar muito tempo, pensou o policial.

- Quando você resolver contar sobre o que eu perguntei me chame. Não vou perder meu jantar por sua causa.

O policial levantou da cadeira e saiu. A tática usada era esperar que o interrogado perdesse a paciência e a força. Sem que eles tivessem que usar a força.

Mais tarde na delegacia, onde estava Kleschóv, uma mulher entrou acompanhada por um homem gordo. Foi até um policial que estava num balcão de metro e meio de altura e

perguntou com quem poderia falar a respeito de seu marido que, segundo soubera, fora trazido para aquela repartição da FSB. O policial perguntou quem era ela e o homem gordo respondeu em seu lugar dizendo que ela era a esposa de Kleschóv. A resposta não veio em seguida. O policial consultou um computador que não aparecia para as pessoas e disse que Kleschóv Tcherviakóv tinha sido levado para interrogatório. O homem gordo insistiu em saber onde ele estava e a mulher ficou espantada com a informação, mas o policial, sem qualquer mudança de postura ou expressão, voltou a dizer que ele havia sido levado para interrogatório. Nada mais sabia sobre Kleschóv Tcherviakóv.

Muitas vezes, numa prisão efetuada na Rússia, o suspeito é levado para interrogatório e seu direito a advogado ou tempo para ficar à disposição da polícia fica por conta de quem o prendeu. Kleschóv Tcherviakóv iria ficar ali até que respondesse as perguntas que lhe fizeram.

Na sala de interrogatório, Kleschóv Tcherviakóv estava num estado crítico. Devido à forte luz e ao calor que fazia na sala, ele não conseguia dormir. Tinha recebido apenas um pedaço de pão e um copo d'água por dia e se sentia fraco. Até então não dissera nada para quem entrava na sala e fazia a mesma pergunta. Os policiais revezavam-se para falar com ele. Faziam a pergunta, esperavam um pouco e como ele não respondia, saiam. Meia hora depois, entrava outro e acontecia a mesma coisa. Já estavam no quinto dia e Kleschóv ainda aguentava aquele isolamento.

- Por que o senhor não deu o carro em questão para o atendente fazer a volta de inspeção? – disse o policial depois que entrou na sala e sentou na cadeira vazia.

Glótkin Siemiônitch é o policial que não foi buscar Kleschóv na oficina. Ele era de hierarquia superior aos outros

dois. Tinha por volta de quarenta e cinco anos, divorciado e com uma aparência bastante rígida e era simpático, quando precisava ser. Talvez mostrasse ser durão para se impor. Estava usando um terno melhor do que os outros policiais. Devia ter um salário maior, morava sozinho e poucos sabiam de sua vida particular.

Glótkin ao entrar na sala não se importou com o cheiro ruim das matérias fecais expelidas num canto por poucas vezes pelo interrogado e nem pelo cheiro de urina que vinha de suas roupas. Devia estar acostumado a isso. Só olhou diretamente para Kleschóv depois que sentou e fez a pergunta de sempre.

- Não... – Kleschóv falava com dificuldade – não... foi preciso. - Ele tinha os olhos vermelhos, a roupa úmida de suor, o pouco cabelo desajeitado e estava muito pálido.

- Kleschóv Tcherviakóv eu não gostaria que você morresse aqui, mas é o que vai acontecer se o senhor não me responder. Tenho outras perguntas, mas primeiro quero a resposta dessa. A verdadeira.

- Não foi preciso fazer... – o mecânico não terminou de falar. Sua cabeça foi de encontro à mesa e ele ficou assim por alguns minutos. Glótkin apenas o observava. Sabia que era encenação de sua vítima.

- Ok, - falou o policial – vou fazer outra pergunta. Você ganhou dessa vez. Levante a cabeça, porque você não está tão mal assim.

- Deixe eu ir embora... por favor. – disse Kleschóv levantando devagar a cabeça. A pele de seu rosto estava vermelha no lugar que bateu com a cabeça na mesa.

- Já que uma pergunta simples como a que eu fiz não foi possível responder com a verdade, vou fazer uma mais difícil. Sem resposta a situação vai ficar pior para você. Diga para mim porque você fez questão de fazer a revisão no carro de Nikolai Otiepielev? Não minta. Ivan Knipper contou que você queria trabalhar naquele carro. Ele iria para outro mecânico.

Kleschóv colocou as mãos no rosto e pareceu chorar. Suas forças estavam no fim. Não respondeu. O policial ficou instantes em silêncio dando uma folga para seu interrogado.

- Kleschóv Tcherviakóv – voltou a falar com calma na voz – esteve aqui uma mulher dizendo ser sua esposa acompanhada de um homem. Eles não puderam falar com você. Já investigamos essas duas pessoas e já sabemos que ela não é sua esposa. Mora com você, mas não é sua esposa. O homem é seu vizinho e mora com uma filha já...adulta.

O mecânico tirou as mãos do rosto e seu olhar foi direto ao do policial. As próximas palavras do policial não foram muito calmas ou simpáticas.

- Kleschóv Tcherviakóv, ou você me responde agora o que lhe perguntei ou vamos trazer essas pessoas para cá também e os deixar numa sala igual a essa. Será que eles vão aguentar? Receberão o mesmo treinamento que você recebeu.

Kleschóv pela primeira vez ficou apreensivo. Ele sabia que a mulher não tinha sido treinada para enfrentar um interrogatório e o vizinho só estava com ela, porque apareceu numa hora e num lugar errados. A suposta esposa podia dizer o que não devia contar.

- Ela não sabe de nada. Nem meu vizinho. Moramos juntos e ela não quis casar comigo.

- Mas concordou em viver com você. Você é bom de cama?

- Por favor.

Glótkin Siemiônitch perdeu a paciência e bateu com força na mesa assustando Kleschóv.

- Porra! Você vai me responder o que eu perguntei ou já mandarei buscar essas pessoas.

- Por favor.

Kleschóv suplicava e Glótkin Siemiônitch se levantou jogando a cadeira contra a parede, quebrando-a. Caminhou em direção à porta e o mecânico suplicou outra vez. O policial abriu a porta, voltou-se para sua vítima e perguntou se ele resolvera falar. Não recebeu qualquer resposta. Saiu da sala batendo a porta.

Naquela noite, Kleschóv apanhou a cadeira quebrada e fez com que uma de suas pernas ficasse na forma de uma estaca pontuda. Depois, firmou o pedaço de madeira em seu estômago, subiu na mesa e se atirou de barriga contra o chão. A estaca atravessou-lhe o corpo e ele morreu imediatamente.

Somente pela manhã, quando levaram o pão e a água para ele, foi que viram o que ele tinha feito. No mesmo instante, quem descobriu isso correu para um telefone e ligou para Glótkin Siemiônitch contando o acontecera. Glótkin disse que logo estaria na delegacia e que fosse providenciada a prisão daquelas pessoas que foram atrás de Kleschóv Tcherviakóv dias atrás.

Na reunião que Glótkin fez com seus subordinados, ele ponderou que o mecânico devia fazer parte de uma organização política ou criminosa e que tinha sido muito bem treinado. O levantamento que fizeram de sua vida não mostrou quem ele era na realidade. A mulher fazia parte, tinha certeza, da mesma organização, mas era peixe pequeno. O vizinho podia ser o único inocente na história, mas não deviam afastar a atenção dele.

A morte do diretor da estatal, Nikolai Otiepielev, havia sido programada há alguns meses e a oportunidade veio, quando ele decidiu viajar. Usar seu carro num acidente já estava nos planos e para isso Kleschóv Tcherviakóv seria o executor do estrago no veículo. Ele trabalhava há apenas seis meses naquela oficina, justamente quando Nikolai Otiepielev comprou o Audi A6. Bastava esperar que ele levasse o carro até lá para a devida revisão. Resta saber, concluía Glótkin, o que a vítima em questão fez para ser tirada de circulação.

Numa reunião pela manhã, Glótkin dirigiu-se a dois subordinados, sendo que um deles era uma mulher bonita, de corpo bem feito, trinta anos, e com um futuro garantido na carreira que escolhera. Seu nome: Fiokla Kolpakóv. O agente superior já tentara uma aproximação com a intenção de começar um relacionamento. Ela não lhe deu qualquer chance, uma vez que relacionamento entre funcionários na polícia era proibido.

- Mitrofan Pietróv - falou Glótkin referindo-se ao outro agente - e Fiokla Kolpakóv, vocês vão na Gazprom saber o que aconteceu a Nikolai Otiepielev. Tenho certeza de que o crime tem ligação com seu papel na estatal. Para os outros já passo as tarefas.

...numa concha com você.

Era quarta feira daquela semana quando Alex tentou entrar debaixo de uma coberta de pele que cobria Joanna sem que ela acordasse. Não conseguiu. Quando seu corpo encostou na esposa, ela deu um gemido sensual, baixinho, e ouviu Alex sussurrar – *Je t'aime* –

- *Mon amour,* – sussurrou Joanna – que horas são?

- Seis...

- Já parou de escrever?

- Deu vontade de ficar assim, numa concha com você. – Alex respondeu e deu um beijo em seu rosto. Ficar numa concha era uma expressão que os dois tinham, quando começavam uma transa. E foi o que aconteceu.

Quarenta minutos depois, Joanna terminava de se arrumar. Iria tomar seu café da manhã e depois sair para a concessionária. Alex ficaria na cama até mais tarde. Como haviam combinado, ele só estaria no trabalho à tarde, enquanto escrevia. Naquele dia ele disse que "tivera um branco", quando ela perguntou a ele se havia terminado um capítulo. Ele prometera dar para ela ler. A resposta não veio.

Quando Joanna foi dar um beijo nele antes de sair, disse que naqueles dias não soube mais do caso do cliente acidentado.

Iria procurar saber o que tinha acontecido. Joanna foi até a garagem do prédio e entrou no Audi A7 que possuíam. Naquela semana, sem a presença de Alex, ela estava indo de carro para o trabalho.

Dias depois, Joanna levantou numa manhã já fria de Moscou, foi até onde eles faziam as refeições e encontrou no seu lugar as primeiras páginas do livro que Alex resolvera escrever. Não era todo dia que ele tomava o café da manhã com ela. Se estivesse escrevendo, ela nem o procurava para se despedir. Naquele dia não foi diferente. Alex devia estar escrevendo e como prometera, as primeiras páginas estavam prontas para ela ler.

Joanna pensou em ficar em casa para ler, mas um compromisso importante na concessionária havia sido marcado. Então, apanhou o que estava em cima da mesa, colocou na bolsa do tipo tiracolo e apenas bebeu um suco que tirara da geladeira. Iria de metrô, pensou, assim poderia ler o manuscrito durante o trajeto para o trabalho.

Chegando na concessionária, ligou imediatamente para Dacha e para Nazar. Queria falar com eles naquela manhã. A história que Alex escrevia estava muito parecida com o que havia acontecido, pelo menos no começo. “Foi um bom gancho”, pensou e talvez ficasse sabendo de mais alguma coisa sobre o que ocorrera para contar para o escritor.

Sem perguntar a razão das perguntas da patroa, Dacha disse as mesmas coisas que contara no dia em que telefonou para o proprietário do veículo. Já Nazar citou um fato que está no manuscrito do romance de Alex. O mecânico que trabalhou no Audi A6 disse que ele não precisava fazer o teste no mesmo antes de entregá-lo. Joanna quis saber o porquê e Nazar, por ser mais moço, não discutiu com o mecânico. Depois disso os dois

funcionários foram dispensados e Joanna foi até a oficina falar com o encarregado do setor. Surpreendeu-se, quando o gerente lhe contou que o mecânico que ela procurava havia pedido a conta. Não trabalhava mais ali há uma semana.

Desta vez Joanna ficou convencida de que Alex já andara fazendo uma investigação sobre o que acontecera e sabia que o mecânico já saíra da firma. Será que ele sabia a razão? Será que Alex estava se metendo outra vez em alguma confusão perigosa? Era bom esperar pelo próximo capítulo antes de perguntar qualquer coisa para ele.

Na hora do almoço, quando chegou em casa, a empregada passou um recado que o patrão havia deixado para Joanna. Ele se atrasaria e se não viesse almoçar com ela, a encontraria na empresa na parte da tarde. Isso foi outro motivo para ela ficar preocupada.

Joanna perdeu o apetite e apenas comeu uma salada e bebeu um suco. Depois tomou um banho, trocou de roupa e foi para a Audi Center City. Torcia para encontrar Alex por lá. Uma sensação desagradável tomara conta dela. Contra sua vontade e contra o que tinha resolvido a respeito do passado, certos acontecimentos voltavam a sua mente.

- *Moy dorogoy*, (minha querida em russo) – exclamou Alex atrás dela no saguão de entrada da concessionária. Ambos chegavam naquele instante.

- *Moy Alex,* – ela respondeu e se aproximou dele rapidamente, dando-lhe um forte abraço. Alex abraçou-a também e depois que se afastaram ele deu um beijo em sua testa. Não falaram mais nada e caminharam para a sala dele.

- Por que você não foi almoçar, Alex? – Joanna foi logo perguntando depois que ele fechou a porta atrás deles. Parecia ter os olhos úmidos.

- *Moy dorogoy*, desculpe não ter almoçado com você.

- O que houve?

- Calma, meu bem, calma. – Novamente Alex chegou perto dela e a beijou outra vez. – Não há motivo para você se preocupar. Fui encontrar um amigo. Você o conhece.

- *Kto*? (Quem?) Alex, você está me deixando preocupada. Eu li o capítulo que você escreveu.

- *Ponravilsya?* (Gostou?)

- *Ma chérie*, - exclamou Joanna quebrando o combinado de não falar em francês - algumas lembranças voltaram. O que você está fazendo?

Alex entendeu o que ela dizia. Abraçou-a por instantes e afirmou que nada tinha qualquer relacionamento com o passado, apenas aproveitava um fato que acontecera e que o levou a escrever um romance.

- Anton Tunc, lembra dele? – disse depois ainda muito junto dela – Aquele amigo que é meio russo meio francês. – Joanna afirmou com a cabeça que lembrava - Pois é. Conversei com ele no McDonald's. Aquele que fica perto daqui.

- O Anton tem uma loja no Krokus Siti Moll...

- Sim. Aquela bela loja pela qual você se encantou. – os dois sorriram, mas Joanna ainda estava apreensiva.

- Por que foi falar com ele?

- Eu não ia te contar, mas para você se acalmar eu conto. O Anton conhece muita gente rica em Moscou e fui perguntar pra ele se ele conhecia Mikhailo Graviânbski, o dono do Audi...

- E?

- Pois é. – Alex fez uma pausa – Ele conhece e me disse que o homem é um figurão da Gazprom. É seu cliente, por sinal.

- Você contou pra ele sobre o acidente?

- Contei. Ele já sabia.

- Você queria que ele contasse o quê pra você. Você não acha...

- Só queria saber de alguma... fofoca. Lembra que o Anton nos disse um dia que pela loja dele passam muitas madames de milionários e ele ouve muita fofoca?

- Sim. Ele contou?

- Não, mas disse que iria tentar saber o que estava acontecendo na vida do Mikhailo. Ele também achou estranho o acidente que matou ele e a esposa. Ela era uma boa cliente, ele finalizou.

- Alex, meu amor, veja onde vai dar isso.

- Não se preocupe, Joanna. Não é nada parecido com o que aconteceu em Paris. Isso só me ajudou para voltar a escrever. Sabe, é uma coisa boa escrever.

Joanna afastou-se, olhou para ele com aquele olhar que o desequilibrava e sorriu. Ele a puxou para junto de seu corpo e deu-lhe um beijo demorado. Joanna não queria saber o que ele estava pensando. Tinha uma história para escrever e ele a convenceu que nada seria como nos contos de Givenchy Declair.

Na volta para casa, Joanna contou-lhe que o mecânico que atendera o Audi A6 não trabalhava mais com eles. Alex já sabia disso. Joanna sorriu e pensou: “Ele está bem na minha frente nesse caso”.

II

Fiokla Kolpakóv e Mitrofan Pietróv entraram no *hall* da Gazprom, um deslumbrante edifício em Moscou apesar de sua sede ser em São Petersburgo. Foram atendidos e encaminhados ao escritório principal da empresa. Começariam por ali a investigação sobre Nikolai Otiepielev.

No quinto andar, outra recepcionista os atendeu e como já sabia quem eram, pois a avisaram pelo interfone, ela os acompanhou até uma sala por entre algumas mesas com funcionários. Uma música clássica era ouvida e os dois não puderam saber qual era pois o volume estava muito baixo.

Andriéi Macáritch levantou-se assim que os dois agentes entraram na sua sala e foi com a mão estendida para os cumprimentar. Indicou duas poltronas e fez um gesto de que podiam se sentar.

- Sou Andriéi Macáritch e me informaram que os senhores, quero dizer, o senhor e a senhorita... - fez uma rápida pausa - querem saber sobre o senhor Nikolai Otiepielev.

- Sim. Sou Mitrofan Pietróv – disse depois de se acomodar na poltrona. – Ela é Fiokla Kolpakóv, agente da FSB também – apresentando sua colega.

- No que posso ajudar? – falou Andriéi. Ele era um homem alto e de muito boa aparência. Tinha um sorriso no rosto

que parecia transmitir confiança. Estava com trinta e cinco anos e vestia um terno claro que, possivelmente, fora mandado fazer sob medida, pensou Fiokla.

- O senhor Nikolai Otiepielev sofreu um acidente e veio a falecer. Nós gostaríamos de saber a posição dele aqui na Gazprom. Sua posição na empresa, seus... relacionamentos e no que ele estava trabalhando no momento.

- O senhor Nikolai Otiepielev era meu chefe. Senti... sentimos muito a morte dele. Era muito respeitado por todos aqui no departamento. Sua sala era essa aqui.

- O senhor ficou no lugar dele? – perguntou Fiokla. Foram as primeira palavras dela.

- Sim. Eu era... seu braço direito. Nosso relacionamento era muito bom e eu conhecia bem e sua esposa...

- Ele não tinha filhos? – voltou a falar Fiokla

- Não.

- O senhor é casado?

- Não.

- Deve ter começado na Gazprom com pouca idade. – falou Mitrofan.

- É... Sim e não. No que eu trabalho comecei com dezoito anos. Aqui na Gazprom estou há cinco anos.

Os dois agentes começaram a fazer algumas perguntas como mandava o protocolo. Queriam saber com quem estavam

falando. Andriéi respondeu as perguntas e dirigia uma atenção maior para Fiokla. Mantinha para ela um sorriso agradável sempre. Parecia querer quebrar a formalidade que aquele encontro tinha.

- Nosso trabalho aqui é com respeito à qualidade do gás que a Gazprom vende. Deve ser do conhecimento dos senhores... e da senhorita, que somos a maior exportadora de gás natural do mundo. A Gazprom Internacional, responsável pelas operações fora da Rússia é muito exigente.

- O senhor Nikolai Otiepielev estava à frente dos negócios com a Gazprom Internacional?

- Senhor Mitrofan Pietróv, ele era o contato com a diretoria dela. A Gazprom Internacional tem sede em Amsterdã, Países Baixos, e ele constantemente viajava para lá.

- No dia em que se acidentou, ele estava a caminho do aeroporto de Jukovsky. Ele ia a Amsterdã?

- Não que eu tivesse conhecimento. O senhor tem certeza de que ele estava indo viajar?

- Havia duas malas no seu carro. – afirmou Fiokla – Uma com roupas de sua esposa... que o acompanhava. Ela costumava viajar com ele, quando a viagem era a trabalho?

- Bem... – Andriéi fez uma pausa e continuou olhando para Fiokla – Nem sempre.

- Senhor Andriéi Macáritch – interrompeu Mitrofan – acreditamos que o senhor Nikolai Otiepielev e sua esposa foram assassinados.